

IGINO BONFIOLI (Negrar, Itália, 11.12.1886; Belo Horizonte, Brasil, 23.5.1965). Diretor e Diretor de Fotografia. Imigrou para o Brasil em 1897, dirigindo-se para a cidade de São Paulo. Em 1904, mudou-se para Belo Horizonte, onde exerceu diversas profissões. Estabeleceu-se como fotógrafo aos 26 anos com o Foto Bonfioli. Em 1918, passou à cinematografia quando comprou uma velha máquina Gaumont Grand-Prix (modelo 1900). Abriu a Bonfioli Filmes em 1923. Na sua carreira de cinegrafista consta a realização de cerca de 23 documentários e um cinejornal, o *Cine Revista Mineira*. O seu maior cliente foi o governo do Estado de Minas Gerais. Na Exposição de Borracha e Produtos Tropicais, Londres, 1921, ganhou um Diploma de Honra com a película *Café, açúcar, madeira seu cultivo e sua evolução no Brasil*.

Passou ao longa-metragem de ficção com a produção da Bonfioli Filmes e provável direção de fotografia de *Canção da primavera* (direção de Cyprien Ségur). O filme, baseado numa peça de Aníbal Matos, conta com um elenco vindo do teatro amador da cidade. As várias atividades mecânicas que exerceu na vida lhe foram úteis neste momento, pois construiu no estúdio fotográfico diversos equipamentos para a revelação, copiagem e viragem de cor. Um palco também foi montado para a filmagem dos interiores, aproveitando a luz solar. *Canção da primavera* é uma comédia rural sobre um casamento arranjado que o fazendeiro Luíz Roldão quer impor ao filho Jorge com Rosita para satisfazer uma promessa que fizera no leito de morte do pai. Jorge porém está apaixonado por Lina, uma moça que mora na fazenda. Desesperada, ela abandona a fazenda e começa a definhar de paixão. A intervenção do pároco faz com que Lina se case com Jorge e a promessa de Luís Roldão se consuma com o casamento do irmão de Jorge, Carlos, com Lili, da outra família. O fracasso do filme no seu lançamento fica bem evidenciado pelas falhas do roteiro. Jorge não é o galã do filme, nem tem o tipo apropriado para o papel. Há uma preocupação exagerada com as histórias paralelas, em que a parte cômica do barbeiro Juca toma demasiada importância no contexto da fita. A pobreza da produção ficou ressaltada pela exiguidade da profundidade do palco construído para as cenas de interior.

Após o fracasso de *Canção da primavera*, Iginio Bonfioli retornou ao trabalho com curtas-metragens institucionais, incursionando por realizações de maior vulto como *Minas Antiga*, um painel da cultura mineira do período colonial. Foi diretor de fotografia de *Entre as montanhas de Minas* para o diretor argentino Manoel Talon (1928).

Já na passagem do mudo para o cinema sonoro foi diretor de fotografia de *Tormenta*, dirigido por Antonio Serra. José Tavares de Barros classificou a sua participação no filme como estando além da simples direção de fotografia, dando-lhe o crédito de “dono da idéia” e da composição narrativa. Além do mais, era um dos sócios da produtora Sociedade Anônima Industrial de Filmes Artísticos Yara - SAYFA. Lançado em 1930, foi a última produção cinematográfica de Bonfioli, que a partir deste momento se sentiria derrotado pelo cinema sonoro, abandonando uma prática de doze anos (na sua filmografia aparece a realização, em 1931, de um desenho animado com o animador Fábio Horta, mas não há confirmação).

O material de *Tormenta* que sobreviveu no estúdio do fotógrafo à enchente de 1937 e ao incêndio de 1955, está bastante deteriorado. Apesar do entusiasmo da crítica contemporânea, torna-se difícil segui-la em coro. A habilidade do fotógrafo aparece em um ou outro *travelling* realizado com mais felicidade; as fusões são simples e compostas com idéias mais simples ainda. A história do filme gira em torno da vingança. O filho Daniel começa a matar os membros da família Guimarães, que provocara a morte do pai músico, Jacques, retirado na vila de Ouro Velho, depois de uma vida de dissipação no jogo e na bebida. O seu intento se interrompe quando o acaso faz com que Lúcia, a filha do homem que deveria matar, vai procurar refúgio em sua casa num dia de tempestade. Ao lado das deficiências do roteiro, como o desenvolvimento incompleto da personagem Suzana, antiga namorada de Daniel, e do irmão Lauro (ambos surgem na metade do filme para logo depois desaparecerem), está o amadorismo das interpretações, principalmente de Lúcia, que teima em olhar para a câmara esperando a aprovação do diretor para as suas cenas. A falta de destreza e equipamentos mais sofisticados do diretor de fotografia podem ser vistos nas imagens da cidade tomadas em movimento, trêmulas devido ao calçamento irregular do local escolhido, e nos *travellings* em direção do par amoroso, quando numa cena de beijo ultrapassa o casal na falta de um eixo de câmara que o enquadrasse como auge da seqüência. Os letreiros patrióticos do início do filme, mais do que servirem de estímulo aos espectadores, aparecem como um pedido de desculpas para uma produção medíocre.

JOSÉ INACIO DE MELO SOUZA

2 páginas, 819 palavras, 4988 caracteres, 70 linhas.